

Sexualização da mulher negra na telenovela “Salve-se Quem Puder”*Sexualization of black women in the telenovela “Salve-se Quem Puder”*

Andréa Corneli ORTIS¹
Lucas da Silva NUNES²

Resumo

O artigo se propõe a abordar as imagens de controle que a telenovela Salve-se Quem Puder, da Rede Globo, disponibiliza em relação à personagem Bel, uma mulher negra, utilizando como base as definições do conceito de Patricia Hill Collins (2000) e Winnie Bueno (2020). O conceito é utilizado para indicar uma representação específica de gênero para pessoas negras. Na pesquisa, utilizamos como categoria de análise a imagem de controle da Jezabel a fim de verificarmos se, de fato, a caracterização da personagem é de uma mulher extremamente sexualizada e que usa o seu corpo como método de sedução.

Palavras-chave: Imagem de controle. Mulheres Negras. Salve-se Quem Puder.

Abstract

The article proposes to address the control images that the telenovela Salve-se Quem Puder, from Rede Globo, makes available in relation to the character Bel, a black woman, using as a basis the definitions of the concept of Patricia Hill Collins (2000) and Winnie Bueno (2020). The concept is used to indicate a specific gender representation for black people. In the research, we used Jezebel's image control as an analysis category in order to verify if, in fact, the characterization of the character is an extremely sexualized woman who uses her body as a method of seduction.

Keywords: Control image. Black Women. Salve-se Quem Puder.

Introdução

Os anos de 2020 e 2022 estão sendo significativos para toda a sociedade, mas, repletos de desafios, especialmente no que diz respeito às programações da televisão,

¹ Doutoranda em Comunicação - Linha Mídia e Identidades Contemporâneas na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: ortis.andrea@gmail.com

² Doutorando em Comunicação - Linha Mídia e Identidades Contemporâneas na Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: lucasnunespp@gmail.com

tanto brasileira quanto mundial, as quais precisaram adaptar seus conteúdos devido à pandemia do novo Coronavírus. Muitas produções televisivas acabaram sendo interrompidas ou afetadas devido aos protocolos de segurança que precisavam ser seguidos à risca a fim de frear a circulação da doença e, um exemplo é a própria Rede Globo. Quando a infecção causada pelo novo vírus foi declarada, a líder de audiência no Brasil estava exibindo quatro novelas inéditas, sendo elas: *Malhação Toda Forma de Amar*; *Éramos Seis*; *Salve-se Quem Puder* e *Amor de Mãe*. Destas, as duas últimas voltaram a ser exibidas somente em 2021, com *Amor de Mãe*, no horário nobre da emissora - 21 horas, transmitindo seus capítulos finais, e *Salve-se Quem Puder* sendo reexibida de forma integral no horário das 19 horas. Contudo, com o avanço do número de mortes e de infectados pela Covid-19, novos protocolos foram sendo implementados e as produções que estavam por estreiar foram novamente paralisadas. Assim, a partir do dia 17 de maio, o único horário em que a emissora estava exibindo uma novela com capítulos inéditos era o das 19 horas com *Salve-se Quem Puder*.

A novela escrita por Daniel Ortiz estreou no dia 27 de janeiro de 2020 e, na sinopse, consta que três jovens adultas - Kyra (Vitória Strada), Aléxia (Deborah Secco) e Luna (Juliana Paiva) - presenciaram um crime em Cancún, no México e, para manterem-se à salvo dos assassinos, entram para o programa de proteção à testemunha, trocando de identidade e sendo declaradas como mortas para suas famílias e imprensa. Assim sendo, o fato de *Salve-se Quem Puder* ser a única produção recente a ser exibida com episódios inéditos já justificaria seu estudo, porém, uma característica sobre ela chamou nossa atenção: as três protagonistas disputam seus interesses amorosos com outras três mulheres: Renatinha (Juliana Alves), Bel (Dandara Mariana) e Úrsula (Aline Dias) e, neste ponto, cabe uma observação importante: as três protagonistas da trama são mulheres brancas, enquanto as três antagonistas são mulheres negras.

Por isso, nossa principal inquietação, na pesquisa, diz respeito à caracterização de uma das personagens antagonistas: Bel, visto que é uma mulher negra. Temos a finalidade, portanto, de identificar e discutir a forma como é representada em cena e, para tal, falaremos acerca dos estudos raciais, além de utilizarmos como ferramenta de análise o conceito de imagem de controle cunhado como Jezabel, proposto por Patrícia Hill Collins (2000) e amplamente difundido por Winnie Bueno (2020), o qual trabalha com a ideia de que há uma representação de gênero específica para mulheres negras, no caso,

uma imagem de controle de uma mulher sexualizada, e que será discutido nas próximas seções deste artigo.

Além disso, é importante reconhecer que os índices de audiência de *Salve-se Quem Puder* são significativos para caracterizar a justificativa do estudo. De acordo com o site Observatório da TV, por exemplo, no dia 19 de maio a história registrou a maior audiência do dia: uma média de 27 pontos na Grande São Paulo, inclusive superando outras atrações da emissora como o *Jornal Nacional*, o qual manteve a média de 24,8. Ademais, se comparada com as outras emissoras, a novela também se manteve na liderança isolada. Desse modo, por se tratar de uma trama que se destacou pelos índices de audiência, cabe a nós questionarmos de que modo uma das personagens negras foi sendo posta em tela, visto que estas significações estão circulando de forma ampla.

Perspectiva teórico-metodológica

A perspectiva teórica com a qual essa pesquisa se filia é a dos Estudos Culturais, campo de estudos que tem como preocupação central os produtos da cultura popular e *mass media*, dando voz àqueles que não são ouvidos na sociedade, às camadas populares e em revelar os discursos marginais (BAPTISTA, 2005). Portanto, o campo de estudos abriu as portas para que investigações sobre questões relacionadas ao gênero, sexualidade e raça, por exemplo, tomassem forma.

Nossa pesquisa tem como foco a análise de uma mulher negra de uma telenovela e, portanto, é oportuno dissertarmos acerca dos estudos raciais. Assim sendo, acionamos o conceito de raça, o qual, segundo Guimarães (1999, p.11) “é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário de um conceito que denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais”. Logo, compreendemos que o termo raça serve como uma mera classificação social, colocando brancos em um patamar mais elevado, enquanto aos negros cabe o nível mais baixo. E, isso nos leva a pensar, portanto, que a palavra raça é uma construção social e mental “que expressa a experiência básica de dominação colonial e que desde então permeia as dimensões mais importantes do poder mundial, incluindo sua racionalidade específica, o eurocentrismo” (QUIJANO, 2005, p.107)

Essa questão da dominação colonial de brancos sobre negros, a qual tem forte ligação com o eurocentrismo, pode ser explicada por Stuart Hall (2016). Segundo o autor,

as relações iniciais entre o povo negro com o europeu aconteceram durante três momentos: o primeiro se deu por meio do contato dos comerciantes com os reinos africanos do século XVI; o segundo, no processo de colonização das terras africanas; e o terceiro é caracterizado pelo período que corresponde os processos migratórios após a Segunda Guerra mundial. A afirmada subalternidade da população negra, para Hall (2016), fez com que a própria cultura do povo negro fosse, inúmeras vezes, silenciada e/ou invisibilizada pelos europeus. E, uma das justificativas para esse processo de subalternização se deu através do que o autor chama de racismo científico e até mesmo religioso, pois os povos africanos eram conhecidos como profanos, os “descendentes de Canaã”.

Já as teorias levantadas pela pensadora Lélia Gonzalez (1984) também dissertam sobre os estudos raciais, contudo, dão ênfase aos corpos negros femininos. Para ela, as imagens direcionadas às mulheres negras são criadas a partir de lógicas racistas e sexistas, sendo distorcidas e, por muitas vezes, acabam objetificando-as. Para Gonzalez (1984), a imagem dessas mulheres foi, historicamente, construída em torno de sua objetificação, sexualização e negação de seus papéis enquanto sujeitas. E, essa distinção e consequentemente objetificação, é algo fortemente demarcado. Hall (2016) identifica que as representações do povo negro, no meio midiático, giravam em torno de dois eixos: a ideia de negro subordinado e preguiçoso, tendo uma pré-disposição natural para servir, porém indisposto a trabalhar; e o segundo diz respeito ao seu suposto primitivismo. A partir do exposto, acionaremos, agora, o conceito de imagens de controle.

O conceito de imagens de controle

Utilizar as imagens de controle como o conceito norteador desta pesquisa nos possibilita questionar as formas de dominação exercidas pelo colonialismo, o racismo, sexismo e patriarcado, os quais operam em nossa sociedade como formas de opressão e dominação que afetam a vida das mulheres negras. De acordo com Patrícia Hill Collins (2000), a opressão sobre mulheres negras data da escravidão e atua como justificativa para que se perpetuem as dominações existentes.

As imagens de controle são a justificativa ideológica que sustenta a continuidade dos sistemas de dominação racistas e sexistas que buscam manter as mulheres negras em situação de injustiça social. São uma forma potente de atacar a assertividade e a resistência negras à sua objetificação enquanto o outro da sociedade. (BUENO, 2020, p. 78).

Compreende-se, portanto, que a retratação de indivíduos pertencentes a grupos sociais minoritários contribua para que os grupos dominantes mantenham o controle sobre eles, neste caso as mulheres negras, além do que a maioria da população pensa sobre, pois, quando estes significados circulam de forma massiva, eles acabam não abrindo espaço para questionamentos e naturalizam-se. Logo, as imagens de controle podem ser definidas como uma representação específica de gênero para mulheres negras, tendo como ponto de partida os padrões impostos pela cultura ocidental branca eurocêntrica (COLLINS, 2000). Portanto, compreendemos que o conceito se trata de uma relação de poder, a qual acaba marcando mulheres negras de modo negativo, inferiorizando-as.

Ademais, como nos lembra Winnie Bueno (2020), as imagens de controle fazem parte de uma ideologia generalizada dominante, tendo como característica uma premissa autoritária de poder, onde manipula as significações sobre as vivências das mulheres negras. Porém, a autora nos lembra que a elite acaba distorcendo os significados sobre a feminilidade negra a partir da utilização de estereótipos já existentes ou criam novas imagens sobre elas, utilizando-os como instrumentos de poder para restringir a autonomia destas mulheres e/ou para naturalizar as consequências do racismo e do sexismo. Onde “sempre existe um outro sujeito, com maior autoridade, para falar sobre as experiências de mulheres negras no lugar delas próprias.” (BUENO, 2020, p. 79).

As imagens de controle também são, muitas vezes, relegadas a um pensamento binário, o qual acaba categorizando as pessoas de acordo com uma suposta diferença que exista entre elas: entra, aqui, a ideia do “outro”, onde as dualidades apenas ganham significado quando estão relacionados com seus homólogos (COLLINS, 2000). Porém, devemos destacar que estas binaridades não são encaradas como partes diferentes, mas sim completamente opostas. Olhando por este ponto de vista, podemos afirmar que um dos pontos centrais das imagens de controle não apenas caracteriza e objetifica as mulheres negras, mas norteia as vivências das mulheres brancas, dizendo a elas o que não devem ser. Desse modo, o binarismo existente entre mulheres brancas e negras se reflete, por exemplo, na questão de que as brancas se tornam bonitas e desejáveis “porque existe uma outra/inferior. O branco se completa enquanto sujeito somente porque existe àquele

corpo - negro- sobre o qual será possível depositar tudo o que não deseja” (KHATTAR; VIEIRA, 2020, p.234).

O pensamento binário que estrutura as imagens de controle opera na dualidade Cultura/Natureza, onde o comportamento encarado como ligado à natureza é objetificado para que possa ser explorado. Neste ponto, a sexualidade e comportamentos das mulheres negras são taxados como desviantes, sendo um modelo a se distanciar, justificando as opressões existentes entre gênero, raça e classe (BUENO, 2020).

Excluir o fator cultural e relacionar a população negra ao que é profano e animal implica falarmos em uma situação de domesticação, retirando a humanidade destes sujeitos. Isto se deve ao fato de que “se as diferenças são somente culturais elas podem ser modificadas, mas se elas são naturais, são fixadas.” (HALL, 2016, p. 171). Vale destacar que as mulheres negras passam por um processo duplo de opressão: um enquanto mulheres e outro enquanto pessoas racializadas. A opressão, neste caso, se articula através da objetificação e da diferenciação, levando ao silenciamento dos indivíduos oprimidos. Destaca-se, ainda, que este sistema alimenta a criação de hierarquias que norteiam as organizações sociais, formulando discursos que justifiquem estas opressões.

Como nos lembra a historiadora Angela Davis (2016), o sistema escravocrata definia o povo negro como propriedade e as mulheres não eram vistas como inferiores aos homens, mas sim como unidades trabalhistas lucrativas e desprovidas de gênero. Ou seja, a elas eram negadas até mesmo suas identidades enquanto mulheres, sendo vistas como meras forças de trabalho e, ocasionalmente, eram tratadas como alguém do sexo feminino. Todavia, nestas ocasiões, elas eram vítimas de abusos sexuais e maus-tratos.

A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016. p. 19).

Ao encontro do que disserta Davis (2016) acerca de desprover as mulheres negras do seu próprio gênero está o discurso da abolicionista e escrava liberta Sojourner Truth, feito na Convenção de Akron, em Ohio, em, 1851, onde trouxe à baila os problemas específicos das mulheres negras, que sofriam opressão dupla: pela raça e pelo gênero.

Creio que com esta união dos negros do sul e das mulheres do norte, todos falando de direitos, os homens brancos estariam com grandes problemas bem rapidamente. Este homem diz que as mulheres necessitam da ajuda dos homens para subirem nas carruagens, cruzar as ruas, e que devem ter o melhor lugar em todas as partes. Mas a mim ninguém me ajuda a subir em carruagens, nem me deixam o melhor lugar. Por acaso eu não sou uma mulher? Olhem-me! Olhem meus braços! Eu arei e plantei e colhi e nenhum homem era melhor do que eu! E por acaso eu não sou uma mulher? (SCHNEIER, 1972, p.94).

Neste discurso, Sojourner estava reivindicando seus direitos como mulher, pois não era reconhecida como tal devido a sua cor de pele. Portanto, a fala da abolicionista serviu de mote para denunciar as mazelas sociais as quais as mulheres negras eram impostas na sociedade, algo que perdura até hoje.

Outro ponto relatado por Davis (2016) nos leva a pensar sobre as afetividades das mulheres negras que, devido às imagens que conectam sua vida sexual à natureza, acabam por diversas vezes sendo rejeitadas como parceiras amorosas, até mesmo por homens negros. A comparação com mulheres brancas acaba inferiorizando-as e determinando que não seriam as “mulheres ideais” para se assumir um relacionamento. A partir do exposto, e percebendo as relações existentes entre os conceitos acionados, buscamos, agora, realizar a análise das imagens de controle presentes em *Bel*, da telenovela *Salve-se Quem Puder*.

A sexualização da mulher negra em *Salve-se Quem Puder*

Analisar as relações entre imagens de controle com a mídia é relevante, pois, a mídia produz sentidos em tudo aquilo que é veiculado, buscando as bases de suas representações na própria realidade social. Contudo, as imagens retratadas são, muitas vezes, deturpadas e dotadas de senso comum. Um exemplo disso acontece nas telenovelas, onde a mulher negra é quase sempre representada ou como uma mulher hiperssexualizada ou como uma empregada doméstica, que vive pelo bem-estar dos patrões. De acordo com Sueli Carneiro (2003, p.126), essa estereotipização das mulheres negras fere e constrange seus direitos enquanto mulheres “[...], pois falta de poder dos grupos historicamente marginalizados para controlar e construir sua própria representação possibilita a crescente veiculação de estereótipos e distorções pelas mídias, eletrônicas ou impressas”. Em tese, isso significa dizer que os corpos negros acabam

sendo marginalizados, não conseguindo romper com essa barreira que a mídia criou ao vender suas histórias de maneira distorcida.

Devido a isso, utilizar as imagens de controle enquanto categorias analíticas, possibilita que possamos compreender as práticas sociais que levam à dominação e opressão. Por isso que, a partir desse momento, utilizamos esse conceito, cunhado por Collins (2000), o qual tenta explicar a relação de poder existente sobre as mulheres negras por meio de algumas categorias classificatórias:

a) **Mammy**, representada pela figura da empregada doméstica, que vive em prol dos patrões. Para a autora, esta imagem atua ocultando as violências sofridas pelas mulheres negras e está intimamente conectada com o período escravocrata e está ancorada com o mito de aceitação da subordinação.

b) **Matriarca** é caracterizada pela figura de uma mãe agressiva e que não cuida direito dos filhos. A imagem é utilizada para justificar a punibilidade com que os jovens negros são tratados, pois, com a figura da mãe ausente, lhes resta a criminalidade, sendo corrigida pela atuação do Estado, atribuindo a estas mulheres a culpabilidade pela pobreza e envolvimento com a criminalidade da população negra.

c) **Black Lady** caracteriza a mulher negra bem-sucedida, de classe média, qualificada e instruída, além de atribuir sentidos de antipatia e arrogância.

d) **Mula** é aquela que trabalha até morrer e sem reclamar. Ela sacrifica sua vida pessoal em prol de seu trabalho e justifica a ideia de que sua força de trabalho é passível de exploração. Cabe ainda dizer que, quando a mulher se nega a este papel, lhe é atribuída a característica da agressividade.

e) **Mãe dependente do Estado (Welfare Mother)**, que vive da ajuda do governo. Esta última imagem assume características interseccionais, pois é perpassada pelas definições de gênero e raça. Ela é mobilizada diretamente para mulheres negras e pobres. Com o passar dos anos, esta imagem acabou se atualizando para Welfare Queen, atribuindo características como acomodação e preguiça para estas mulheres a partir da alegação de que elas são “casadas com o Estado”, se acomodando e não buscando empregos.

f) **Jezebel (Hoochie Mama)**, uma mulher hiperssexualizada e que é constantemente associada à lascívia, insaciabilidade e, muitas vezes, vista como predadora sexual. Tendo o papel central nas lógicas racistas, esta imagem está conectada com o controle sexual das mulheres negras. Imaginar estas mulheres como insaciáveis

sexualmente leva à naturalização do estupro, pois se elas não se contentam em terem apenas um parceiro sexual, a violação de seus corpos será encarada como algo normal. A imagem de Jezabel ainda pode ser associada à *Pretty Baby* que, assim como ela, carrega significações referentes à sexualidade, porém acrescenta o fator idade: como o próprio nome revela, ela traz consigo definições referentes a pouca idade destas mulheres, recuperando estereótipos de que estas pessoas são sexualmente ativas e irresponsáveis desde pequenas.

Collins (2000) argumenta que a análise das imagens de controle possibilita que os pesquisadores visualizem os contornos específicos pelas quais as opressões de gênero, raça, classe e sexualidade (dentre outras) relacionam. Para tal, optamos por utilizar algumas cenas veiculadas na novela sobre a personagem Bel e, centraremos nossa análise na categoria da Jezabel, com o objetivo de verificarmos se a caracterização da personagem corresponde ao que é disseminado pela autora dentro dessa categoria.

Inicialmente, trazemos a biografia da personagem, que está disponível no site do GShow. Nesta, já podemos perceber que a trajetória de Bel se centra na disputa por um par romântico, como se sua vida dependesse disso: interpretada pela atriz Dandara Mariana, Bel é uma mulher negra, filha de Edgar (Cosme do Santos) e não tem filhos. Corre atrás dos seus objetivos e está se preparando para disputar uma competição feminina de cavalo intitulada “Prova dos Três Tambores”, uma competição de rodeio feminino que ocorre no interior de São Paulo. Apesar desta competição ser importante na vida da personagem, o aspecto sobre sua vida que mais se destaca é sua paixão por Zezinho (João Baldasserini), disputando sua atenção e amor com Alexia/Josimara (Deborah Secco).

Na Figura 1, trouxemos a caracterização de Bel. Entendemos que isso perpassa diversos aspectos de sua vida, por isso elencamos seu figurino para parte integrante desta análise. Como pode ser observado pela Figura 1, Bel, na grande maioria das cenas, está vestida com roupas que deixam partes de seu corpo em evidência e/ou sejam justas ao seu corpo. Destacamos este aspecto, pois, de acordo com Lélia Gonzalez (1984), a sexualização dos corpos de mulheres negras é imposta como uma característica biológica e é amplamente difundida a ponto de naturalizar este tipo de imagem. A autora ainda reflete que a sexualização delas acaba apagando outros traços de suas personalidades e/ou histórias, como podemos perceber ao analisar a personagem, já que a sua paixão pelo rodeio, por diversas vezes, acaba sendo colocada em segundo plano, quando comparada

com seu objetivo de conquistar Zezinho, o que acaba sendo evidenciado pelo uso de seu corpo. Assim, podemos perceber que as vestes utilizadas procuram deixar em evidência o que ela tem de mais sensual com o objetivo de conquistar algo ou alguém, mas que, ao mesmo tempo, acabam por silenciá-la como sujeito, como se a personagem fosse somente um corpo bonito a ser mostrado.

Figura 1: Dandara Mariana como Bel



Fonte: Salve-se Quem Puder (Rede Globo)

Collins (2000), ao cunhar a imagem de controle denominada Jezabel, destaca que as mulheres representadas por ela têm sua sexualidade evidenciada de modo excessivo. E, corroborando esse pensamento, Sueli Carneiro (2002, p.171) também afirma que “a mulher negra será retratada como exótica, sensual, provocativa enfim, com fogo nato”. Por diversos momentos, na novela, podemos vê-la acariciando e passando suas mãos pelo corpo de Zezinho, como exemplificado pela Figura 2, a qual contém imagens recortadas dos capítulos veiculados nos dias 25, 26, 27 de fevereiro e 30 de março de 2021.

Figura 2: Bel acariciando Zezinho



Fonte: Salve-se Quem Puder (Rede Globo)

A categoria da Jezabel também se associa com a da *Pretty Baby* ao mostrar, especificamente, jovens mulheres negras em cenas de apelo sexual - que é o caso de Bel, já que está na casa dos 20 e poucos anos - dando ênfase para a ideia de que elas são irresponsáveis e seduzem desde cedo, quase como se isso estivesse intrínseco as suas naturezas. Assim sendo, a novela acaba por reforçar essa ideia de que ser negra é sinônimo de promiscuidade e lascívia, independentemente da idade.

Ainda no dia 27 de fevereiro, outro fato envolvendo a personagem deve ser mencionado. Na trama, o personagem de João Baldasserini dá um beijo em Bel para que isso cause ciúmes em Alexia, que os observava de longe. Diante desta cena, podemos identificar que o rapaz, na realidade, não desejava ter um envolvimento amoroso com ela, apenas utilizou seu corpo como modo de causar um desconforto em sua amada, denotando assim características de mulher-objeto para Bel, como se a única finalidade dela e de seu corpo fosse a de causar ciúmes em outra mulher. Assim, o que acontece é uma banalização da personagem enquanto mulher, afinal é como se o seu corpo e sua aparência, utilizados em prol de outrem, importassem mais do que sua constituição como sujeito.

Figura 3: Zezinho beija Bel



Fonte: Salve-se Quem Puder (Rede Globo)

Aqui, novamente, podemos relacionar a representação da personagem com a imagem de controle da Jezabel, visto que seu corpo é utilizado, por um homem branco, como um mero método de sedução, porém, para causar ciúmes em terceiros. Essa visão, portanto, nos mostra que as mulheres negras são enquadradas em categorias específicas pela mídia, a qual busca na sociedade a inspiração para suas produções, e acaba impondo um padrão de beleza a ser seguido. De acordo com Sueli Carneiro (1993, p. 11), “as mulheres negras fazem parte de um contingente de mulheres que não são rainhas de nada, que são retratadas como anti-musas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de

mulher é a mulher branca”. Portanto, entendemos que Bel, assim como seu corpo, é utilizado para um determinado fim: o de servir aos interesses do homem branco da telenovela a fim de causar estranhamento e ciúmes em outra mulher branca.

Em capítulo exibido originalmente no dia 20 de março de 2020, também percebemos que a personagem utiliza seu corpo como um modo de se aproximar de Zezinho. Como mencionado anteriormente, Bel está treinando para um concurso de rodeio e pergunta se o rapaz poderia lhe ajudar com os treinos, porém em determinado momento ela afirma que está com dores musculares e pede uma massagem a ele. Durante a cena ela acaba pedindo para ele acariciar suas pernas e aos poucos vai se aproximando, com a intenção de seduzi-lo e roubar um beijo.

Figura 4: Bel se insinua para Zezinho



Fonte: Salve-se Quem Puder (Rede Globo)

Devemos mencionar que, nesta cena, vemos uma mulher negra utilizar seu corpo como forma de sedução de um homem branco e, isto nos leva às teorias levantadas por Bell Hooks (2000), a qual se refere às experiências de mulheres negras relacionadas ao ato de amar e não serem amadas, abordando sobre a solidão destas. Para Hooks (2000), as afetividades são um dos meios em que podem ser identificadas as hierarquias sociais a respeito dos entrelaçamentos entre raça e afetividade, o que vem ao encontro do trabalho Pacheco (2013, p. 21), que entende que “a mulher negra e mestiça estariam fora do “mercado afetivo” e naturalizada no “mercado do sexo”, da erotização, do trabalho doméstico, feminilizado e “escravizado”, fazendo um contraponto com as mulheres brancas, que segundo ela, seriam vinculadas à cultura do afeto, que neste caso é caracterizada pela personagem de Deborah Secco. Ou seja, além de estar caracterizada

como uma mulher que usa seu corpo para seduzir e se aproximar do seu interesse amoroso, ela é, ao mesmo tempo, usada por ele como um mero objeto a fim de causar ciúmes na mulher branca.

Para Sueli Carneiro (2003, p.122), essa representação que a mídia impõe para as mulheres negras prejudica a autonomia delas enquanto sujeitos.

[...] há uma forma específica de violência que constrange o direito à imagem ou a uma representação positiva, limita as possibilidades de encontro no mercado afetivo, inibe ou compromete o pleno exercício da sexualidade pelo peso dos estigmas seculares, cerceia o acesso ao trabalho, arrefece as aspirações e rebaixa a autoestima [...] tal dimensão da violência racial e as particularidades que ela assume em relação às mulheres dos grupos raciais não hegemônicos vem despertando análises cuidadosas e recriação de práticas que se mostram capazes de construir outros.

Assim, toda essa caracterização inapropriada da personagem Bel acaba por reforçar as inúmeras violências que as mulheres negras sofrem, tanto na mídia quanto na sociedade, afinal, o que é reproduzido em tela pode, muitas vezes, ser tomado como juízo de valor.

Considerações finais

Identificamos que, por meio da análise da imagem de controle da Jezabel, a personagem Bel, da novela “Salve-se quem Puder”, tem suas vivências perpassadas pela utilização de seu corpo como forma de alcançar seu objetivo de conquistar Zezinho. Outra característica que levamos em consideração é o modo como ela se relaciona com seu interesse amoroso: entendemos que o ato de se envolver romanticamente com ele foi colocado em primeiro plano em sua vida, porém, ele, até o momento, não a vê com o mesmo modo, visto que usa sua aproximação como um método de causar constrangimentos e ciúmes em Alexia. Portanto, a caracterização da personagem se enquadra amplamente na categoria da Jezabel.

O uso do conceito de imagem de controle de Collins (2000) se fez importante já que a autora utiliza as imagens de controle como uma forma de identificar e denunciar os diversos modos de opressão que operam e regulam as vivências das mulheres negras e, conseqüentemente, moldam o imaginário social sobre as mesmas. Neste artigo, assim

como observamos em Bel a categoria da Jezabel, deixamos em aberto para pesquisa futuras a análise das outras personagens negras da novela, como é o caso das outras duas antagonistas, Úrsula e Renatinha, bem como outras personagens secundárias.

Referências

BAPTISTA, Maria Manuel. Estereotipia e representação social: uma abordagem psicossociológica. In: BAKER, Anthony David. **A Persistência dos estereótipos**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004. Disponível em: <<http://mariammanuelbaptista.com/pdf/EstereotipiaeRepresentacaoSocial.pdf>> Acesso em 24 de maio de 2021.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um pensamento de Patricia Hill Collins/ Winnie Bueno**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020.

CARNEIRO, Sueli. Mulher Negra. **Cadernos Geledés**, São Paulo, SP, n. 4, 1993.

CARNEIRO, Sueli. Raça e Gênero. In: BRUSCHINI, C. & UNBEHAUM, S. (org.) **Gênero, democracia e sociedade brasileira**, p. 1 7-194, Editora 34, São Paulo, 2002.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**. vol.17 no.49. São Paulo: Sept./Dec, 2003. Disponível em :<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-401420030003000008>. Acesso em: 07/06/2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Black feminist thought: knowledge, consciousness, and the politics of empowerment**. New York: Routledge, 2000.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. Boitempo Editorial, 2016.

GONZALEZ, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Ciências Sociais Hoje, Brasília, n. 2, p. 223-244, 1984

GUIMARÃES, Antonio Sergio. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Fundação de Apoio à Universidade de São Paulo. Ed. 34. 1999

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOOKS, Bell. Vivendo de amor. In: Werneck, J. **O livro da saúde das mulheres negras: nossos passos vêm de longe**. Rio de Janeiro: Pallas: Criola, 2000, P.197.

KHATTAR, Semirames; VIEIRA, Thamires. As (im)possibilidades de voz dos sujeitos interditados no direito: imagens de controle e contribuições da literatura de Conceição Evaristo. In: **Anais** do VIII CIDL – Tecnologias e novas formas de comunicação: entre distopias e narrativas contemporâneas, 23 a 26 de outubro de 2019, FDV, Vitória, ES, 2020.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. **Mulher negra**: afetividade e solidão. EDUFBA: Salvador, 2013.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: ANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: ColcciónSurSur, CLACSO, 2005, p. 107-130.

SCHENEIR, Miriam. **Feminism, the essential historical writings**. New York: Vintage Books, 1972.